

GÁLATAS

Introdução

Esboço

Capítulo 1

Capítulo 3

Capítulo 5

Capítulo 2

Capítulo 4

Capítulo 6

INTRODUÇÃO

A Ocasão. As igrejas gálatas nasceram como resultado do trabalho missionário de Paulo. Por isso o apóstolo ficou muito preocupado espiritualmente quando ficou sabendo que agitadores cristãos judeus tinham circulado entre os convertidos gentios, procurando lhes impor a circuncisão e as responsabilidades da lei mosaica como necessárias à salvação (Gl. 1:7; 4:17; 5:10). Escrevendo sob grande pressão (o que se deduz por causa da omissão da costumeira ação de graças), ele enfrentou o assunto diretamente, e assim, na epístola aos gálatas, deu à Igreja uma vigorosa polêmica contra o erro judaizante.

Destinatários da Carta. Estas igrejas eram suficientemente achegadas umas às outras e bastante parecidas para que recebessem a carta como um só grupo. Em 3:1 Paulo chama seus leitores de "gálatas". No meio do primeiro século cristão o termo **Galácia** tinha mais de um significado. 1) Indicava a área ao centro-norte da Ásia Menor onde os gauleses se estabeleceram depois de emigrarem da Europa ocidental. Os principais centros eram Pessinus, Ancyra e Tavium. 2) Também indicava a província romana da Galácia. Esta, os romanos estabeleceram em 25 A.C. acrescentando à Galácia do norte um território do sul. Esta última incluía as cidades de Antioquia, Icônio, Listra e Derbe, que foram visitadas pelo apóstolo em sua primeira viagem missionária. É muito difícil que a epístola tenha sido endereçada aos cristãos de ambas, Galácia do Norte e Galácia do Sul (cons. 4:14).

O debate quanto ao destino desta epístola não tem fim, e jamais poderá ser resolvido. Lightfoot esposou a teoria da Galácia do Norte. A maior parte dos comentadores germânicos continuaram mantendo esta posição (por exemplo, Schlatter, Lietzmann, Schlier), embora alguns tenham permanecido neutros. Sir William Ramsay argumentou fortemente pela posição da Galácia do Sul, a qual ganhou muitos adeptos entre os mestres de língua inglesa. Ela tem a vantagem, se for o ponto de vista certo, de nos fornecer informações sobre o estabelecimento dessas igrejas (Atos 13; 14). Por outro lado, Lucas usa o termo "Galácia" (lit., **região galática**) só quando descreve o progresso dos missionários além do território da Galácia do Sul (Atos 16:6; cons. 18:23). Entretanto, a circunstância dele não mencionar **igrejas** no território da Galácia do Norte, mas apenas **discípulos**, favorece a teoria da Galácia do Sul (Veja Atos 18:23).

Data e Lugar. Com base na teoria da Galácia do Sul, pode-se concluir que a epístola foi escrita antes do concílio apostólico descrito em Atos 15 (quando foi feito um pronunciamento oficial referente ao relacionamento dos gentios com a Lei). Uma vez que Paulo e Barnabé visitaram as igrejas duas vezes nesta primeira viagem, os requisitos de Gl. 4:13 podem ser considerados atendidos (ali, **primeiro** se refere à primeira das duas visitas), embora não possamos ter certeza nenhuma que o próprio Paulo considerasse esse retomo como uma segunda visita. Muitos acham que quando Paulo narra uma reunião com certos apóstolos no capítulo 2, pode não estar se referindo ao concílio apostólico, uma vez que deixou de mencionar o decreto que ali foi redigido, que teria sido altamente vantajoso para a defesa do seu argumento na epístola. Este argumento não é decisivo, uma vez que o propósito do decreto não foi o de estabelecer termos sobre os quais os gentios pudessem ser admitidos à Igreja, mas antes, para facilitar o relacionamento entre esses convertidos gentios e aqueles que eram de origem judia. Portanto o decreto não se relacionava diretamente com a argumentação da carta.

Lightfoot enfatizou as semelhanças entre Gálatas, Coríntios e Romanos. Todos tratam da controvérsia judaizante num certo grau. Com base nisto, Gálatas pode ser atribuída ao período da terceira viagem missionária de Paulo, tendo Éfeso ou Macedônia como seu ponto de partida. Isto levada a data da epístola para 56 A.D. De acordo com a opinião alternativa, foi escrita em 48 ou 49, provavelmente de Antioquia. Uma data intermediária em cerca de 53, logo no começo do ministério em Éfeso, é a mais atraente. Um intervalo razoável entre a carta aos gálatas e as cartas aos coríntios e romanos se faz necessário por causa das diferenças de tom e tratamento.

Desenvolvimento das Idéias. Os dois primeiros capítulos foram grandemente devotados ao estabelecimento da natureza do apostolado de Paulo. Esta explicação era vital ao evangelho do apóstolo, pois se os seus oponentes pudessem provar que ele não fora chamado e comissionado a pregar a verdade, então seus ouvintes simplesmente duvidariam de sua mensagem. Embora Paulo não gostasse de ser tão pessoal, tinha de enfrentar o desafio, o que ele fez mostrando que tinha um apostolado independente, inteiramente no mesmo nível dos apóstolos originais. Ele recebera seu evangelho não através de instrução humana mas através de revelação divina, e ele comprovou-se concorde com o dos outros apóstolos.

Depois Paulo passa a declarar o que é o Evangelho (caps. 3; 4). É uma mensagem da graça que necessita da fé. A lei não produz a fé, mas antes opera maldição, da qual Cristo tinha de redimir os homens.

Além do ato da aceitação do Evangelho, jaz a necessidade de vivê-lo (caps. 5; 6). Aqui o poder da cruz e a energia do Espírito Santo foram apresentados mais eficazes do que os esforços em se guardar a Lei.

Influência. Esta carta contém as mais enfáticas declarações sobre a salvação sem as obras que se encontram nas Escrituras. Ela revolucionou o pensamento de Lutero e teve parte estratégica na Reforma. Lutero declarou que ele se sentia casado com este livro; foi a sua Catarina.

No século dezenove F.C. Baur transformou este livro no pivô de sua teoria que dizia que a controvérsia legalística foi tão grave que chegou a abalar os fundamentos da igreja primitiva. De acordo com ele, afetou toda a literatura do Novo Testamento positiva ou negativamente, conforme os homens escreviam no interesse de um ou de outro ponto de vista, ou quando tentavam ocultar o fato da divergência entre a lei e a graça como meio de salvação. Uma vez que Gálatas exhibe esta controvérsia de maneira inequívoca, sua autenticidade deve ser admitida. Este veredito permaneceu virtualmente imutável desde os dias de Baur.

ESBOÇO

I. Introdução. 1:1-9.

A. Saudação. 1:1-5.

B. O tema da epístola. 1:6-9.

II. O apostolado de Paulo defendido. 1:10 - 2:21.

A. Um apostolado especial confirmado. 1:10-17.

B. Falta de contato precoce com os apóstolos em Jerusalém.
1:18-24.

C. Ausência de contato posterior para inquirir seu apostolado ou acrescentar algo ao seu evangelho. 2:1-10.

D. Sua autoridade independente vindicada no encontro com Pedro em Antioquia. 2:11-21.

III. O evangelho de Paulo exposto. 3:1 - 4:31.

A. O argumento da experiência (dos gálatas). 3:1-5.

B. O argumento das Escrituras (o caso de Abraão). 3:6-9.

C. O argumento da Lei. 3:10 - 4:11.

1. A maldição da Lei, da qual Cristo deve libertar. 3:10-14.

2. A inviolabilidade da aliança da promessa e sua prioridade sobre a Lei. 3:15-18.

3. O propósito da Lei - temporário em sua permanência e negativo em sua operação. 3:19-22.

- 4. Filiação não é através da Lei mas através da fé. 3:23 – 4:7.
- 5. Um apelo a que não retomem à escravidão. 4:8-11.
- D. O argumento da recepção pessoal pelos gálatas. 4:12-20.
- E. O argumento da aliança da promessa. 4:21-31.
- IV. O evangelho de Paulo praticado. 5:1 – 6:15.
 - A. O Evangelho praticado em liberdade. 5:1-12.
 - B. O Evangelho praticado em amor. 5:13-15.
 - C. O Evangelho praticado em Espírito. 5:16-26.
 - D. O Evangelho praticado em serviço. 6:1-10.
 - E. O Evangelho praticado em separação do mundo. 6:11-15.
- V. Conclusão. 6:16-18.
 - A. Oração final. 6:16.
 - B. Testemunho final. 6:17.
 - C. Bênção. 6:18.

COMENTÁRIO

Gálatas 1

I. Introdução. 1:1-9.

A. Saudação. 1:1-5.

A estrutura convencional da arte de escrever cartas foi aqui utilizada, mas acima do vulgar, pois o autor era um apóstolo com autoridade recebida da Deidade, e ele se dirigia àqueles que pela graça foram libertos deste século presente. Eles, também, não eram homens comuns, pois eram cristãos.

1. Apóstolo. O significado de enviado não será suficiente aqui. Todos os crentes têm tal encargo. Paulo prossegue defendendo sua autoridade especial de mestre cristão, organizador de igrejas, disciplinador e retificador de falsas doutrinas. **Não da parte de homens, nem por intermédio de homem algum.** O não negativo estabelece o

tom da epístola; é uma polêmica, uma denúncia do erro a fim de colocar a verdade em posição mais vantajosa. Se os judaizantes tinham algum apóstolado, era humano. O de Paulo não era. Tinha fonte mais elevada. Não era também por algum homem. Nenhuma pessoa, apóstolo ou outro, fora mediador na autoridade de Paulo (cons. 1:12). Em vez disso veio pela intervenção de **Jesus Cristo** em sua vida. O contraste torna Cristo mais do que um homem. Por trás dEle e em igualdade com Ele está **Deus Pai**, apresentado aqui como Aquele que **ressuscitou** a Cristo **dentre os mortos**. O Cristo ressurreto foi quem apareceu a Paulo, e o fez um apóstolo.

2. A identidade dos **irmãos** que estavam com Paulo é desconhecida. Para localização das **igrejas da Galácia**, veja Introdução.

3. **Graça... e paz** são dons gêmeos concedidos por Deus, nunca invertidos em sua ordem. O favor divino recebido torna possível uma vida de plenitude e harmonia com Deus e os crentes em geral. Essas bênçãos vêm do Senhor Jesus Cristo como também de Deus Pai.

4,5. **O qual se entregou a si mesmo**. Um ato com finalidade, puramente voluntário. **Pelos nossos pecados**. **Pelos** (*hyper*) é geralmente usado em relação às pessoas beneficiadas pela obra de Cristo (cons. 3:13). O pecado pessoal não é a única barreira entre Deus e o homem. O homem precisa ser libertado de toda sua posição neste **mundo perverso**. O Evangelho não é uma mensagem de melhoramentos mas de libertação. **Mundo** é uma palavra temporal e não se refere à natureza ou ao homem como tais, mas às circunstâncias da vida humana, corrompidas como estão pelo pecado e dominadas por Satanás, o deus deste século (II Co. 4:4). Cristo, em Sua obra redentora, agiu em conjunto com Deus, de acordo com Sua **vontade** (cons. II Co. 5:19). A Deus pertence a glória, o louvor dos santos, para todo o sempre. Sem afirmar a divindade do Filho, o apóstolo apresenta a verdade dela ligando Cristo com o Pai na vocação apóstólica, no dom da graça e paz e na consecução da salvação.

B. O Tema da Epístola. 1:6-9.

Em vez de dar graças a Deus por seus leitores, Paulo expressa seu espanto diante da deserção deles. Não enuncia nenhuma bênção, mas em lugar disso prefere com veemência um anátema de advertência.

6. Estejais passando. Eles mudaram de posição, negando assim os próprios termos da vocação divina para a filiação, a qual é **na graça** de Cristo. **Tão depressa.** Provavelmente não uma referência à conversão recente, pois os convertidos há pouco tempo são os mais propensos a serem influenciados por falsas doutrinas. Se isto for interpretado temporariamente, significa tão logo depois que os falsos mestres começaram a sua obra, ou tão logo após o apóstolo deixar os gálatas. Talvez esteja-se falando aqui *da maneira – tão prontamente*, com tal submissão e sem resistência. O afastamento ainda estava se processando, e portanto não tinha se completado. Havia ainda esperanças de inverter a maré. Mas a seriedade da deserção está indicada. Estavam se afastando de Deus, que os chamou à graça, para um **outro**, isto é, um **evangelho** diferente. Paulo usa evangelho a título de concessão. Na verdade não há um outro, um segundo evangelho que alguém possa escolher e ainda manter a mensagem divina da salvação eterna.

7. Enquanto a responsabilidade da deserção pertencia aos gálatas (**estejais passando**), a explicação para isso encontra-se em outra parte, naqueles que os perturbavam (cons. Atos 15:24), isto é, os mestres judaizantes que desejavam perverter o Evangelho mudando-o em algo bem diferente. Mas não lhes pertencia para que o alterassem, pois era o **evangelho de Cristo**. O privilégio de proclamá-lo não inclui o direito de mudá-lo.

8. Mas, diz Paulo, **ainda que nós** (o plural editorial aqui se refere a Paulo, o menos provável na terra de mudá-lo, por causa das circunstâncias de sua chamada) ou **um anjo vindo do céu** (que ainda menos provavelmente alteraria qualquer mensagem divina; cons. Mt. 6:10), proclamasse ser o Evangelho algo contrário à palavra entregue por

nós na Galácia, devia se tornar **anátema**, amaldiçoado por Deus (cons. I Co. 16:22).

9. Paulo já pronunciara essa advertência quando estivera entre as igrejas da Galácia. Nesta carta ele o faz *de novo*. Ele era um zeloso guardião da dureza do Evangelho. Ao reiterar sua forte declaração, o apóstolo muda do modo subjuntivo da possibilidade para o modo indicativo da realidade - se algum homem está pregando um evangelho diferente (como os judaizantes estão), que **seja anátema**.

II. A Defesa do Apostolado de Paulo. 1:10 - 2:21.

A. Um Apostolado Especial Confirmado. 1:10-17.

10. Uma vez que o apóstolo falara tão asperamente, ele sentiu que devia esclarecer agora que não buscava persuadir os homens no sentido de conciliá-los ou buscando o favor deles. Ele se preocupava, antes, em estar agradando a **Deus**. Agradar os homens ajustando a mensagem aos desejos deles é atitude inconsistente para o **servo de Cristo**.

11. Na qualidade de servo de Cristo, a apóstolo só podia proclamar a mensagem do Evangelho. Embora ele a pregasse, não lhe dera origem, nem qualquer outro homem.

12. Uma vez que Paulo penetrara tardiamente nas fileiras apostólicas, os homens poderiam supor que ele recebera o Evangelho dos seus predecessores ou que o aprendera através de um curso de instrução. Não era assim. Ele o recebera por **revelação** de Jesus Cristo. Esta era a mais alta autoridade. Como, então, poderia a sua mensagem ser questionada?

13. Nada menos que uma direta intervenção na vida de Paulo foi necessária para abrir o seu coração à verdade do Evangelho. Seu modo de vida pré-cristão era bem conhecido. A palavra **proceder** (gr. *anastrofê*) significa "padrão de vida". Tudo no Judaísmo era determinado. Qualquer um que estivesse familiarizado com o Farisaísmo poderia predizer qual seria o curso da vida de Saulo. Mas no seu caso

houve um elemento especial que se tomou notório. Ele fora perseguidor dos cristãos (nem todos os fariseus foram até esse ponto a fim de exibirem o seu devotamento ao Judaísmo). Como o lobo voraz de Benjamim, ele estava ocupado em devastar a igreja, a qual ele depois reconheceu ser a verdadeira congregação de Jeová.

14. Esta determinação fora do comum e o excesso de fúria granjeou para Saulo uma reputação excepcional no Judaísmo. Ele continuou avançando na devoção à sua fé e respectivas tradições, ultrapassando os homens de seu próprio tempo, e dando prova do seu zelo perseguindo os cristãos. Considerações humanas nada significavam para ele quando comparadas ao cumprimento de sua vocação em benefício de sua religião. Ele considerava suas atividades assassinas como os judeus consideravam o apedrejamento de Estêvão: feito a serviço de Deus (Jo. 16:2; Atos 26:9-11). Claramente, então, Paulo não poderia ser influenciado a favor do Evangelho antes de sua conversão, e ele não poderia ter recebido sua mensagem dos homens, conforme os judaizantes alegavam.

15. A conversão de Paulo foi operada em linha com o propósito de Deus. O apóstolo, tal como Jeremias (Jr. 1:5), fora separado desde o nascimento para a obra de sua vida. Sua conversão foi como se fosse uma revelação do Filho de Deus dentro de sua alma. Esta declaração não teve a intenção de despertar especulações quanto à psicologia da experiência de sua conversão, mas antes para estabelecer a realidade e profundidade dessa transformação. Paulo fora cego à divindade do Filho de Deus. Seu preconceito contra seus próprios patrícios que consideravam Jesus o seu Messias, fora devido a sua crença de que o Nazareno era um impostor, uma fraude.

16,17. O principal dos propósitos divinos desta revelação dentro da alma do apóstolo foi para que ele, por sua vez, proclamasse este conhecimento aos outros, especialmente aos gentios. A realidade e suficiência do seu encontro com o Senhor ressuscitado vê-se no fato de que ele não consultou a **carne** e o **sangue** (uma expressão indicando

humanidade, com ênfase especial sobre a fraqueza e insuficiência) quer localmente, em Damasco, quer em Jerusalém, o centro da vida eclesiástica, onde os **apóstolos** tinham o seu quartel-general. Se Paulo não tivesse certeza quanto à sua mensagem, uma viagem a um desses centros teria sido natural e necessária. Mas ele era um apóstolo tão verdadeiro quanto os Doze, inteiramente de posse da verdade do Evangelho recebido do próprio Senhor.

O apóstolo menciona a Arábia não como um lugar de pregação, porque, ainda que a pregação fosse o motivo da chamada, não é o assunto que ele está considerando a esta altura. Paulo está discutindo a *fonte* do seu Evangelho. Ele menciona a Arábia em contraste com Jerusalém. Nenhum apóstolo se encontrava ali. Ali não havia ninguém que pudesse informá-lo sobre o Senhor e Sua obra salvadora. É provável que o recém-convertido viajasse para a Arábia a fim de ficar a sós com Deus, a fim de pensar bem sobre as implicações do Evangelho. Não há nenhuma necessidade de se supor que cada aspecto da verdade aparecesse como um raio em sua mente no momento de sua conversão. Da Arábia Paulo retornou a Damasco. Esta referência acidental confirma a informação obtida em Atos 9:3, que a conversão aconteceu perto dessa cidade.

B. Falta de Contato Anterior com os Apóstolos em Jerusalém. 1:18-24.

Para se dizer a verdade, não foi uma ausência completa, como Paulo francamente admite, mas os contatos foram breves, pessoais e quase acidentais.

18. Quanto desses **três anos** pertencem à Arábia e quantos a Damasco não sabemos, mas o intervalo fortalece a alegação de Paulo. Se ele não tivesse recebido o Evangelho em sua conversão, não lida esperado tanto tempo para ser informado sobre ele.

Para avistar-me com Cefas. O verbo **avistar** (no grego) está em contraste deliberado com **consultei** (1:16), pois este último dá a entender

uma consulta com a intenção de ser esclarecido sobre algum assunto, enquanto que aquele se refere a travar conhecimento com uma pessoa ou coisa. Às vezes tem sido usado em relação à urna excursão para ver os pontos turísticos de uma localidade. A visita foi breve (quinze dias).

19. Paulo não se avistou com outro apóstolo além de Tiago, o irmão do Senhor. Este é o Tiago que se tomou o líder da igreja de Jerusalém (cons. Atos 12:17).

20. O apóstolo declara-se desejoso de jurar que está dizendo a verdade. Nenhum judeu teria coragem de fazê-lo se estivesse para dizer uma mentira, pois seria o equivalente a convidar Deus a derramar a Sua ira sobre ele. A profunda solenidade das declarações de Paulo é a medida da desconfiança que os judaizantes semearam nos corações dos seus convertidos.

21. O próximo passo de Paulo, levado pela oposição à sua pregação em Jerusalém (Atos 9:29, 30), foi à Síria e Cilícia. Obviamente ele não teve nessas áreas remotas nenhuma oportunidade de receber alguma instrução dos apóstolos.

22. Provavelmente o apóstolo mencionou as igrejas da Judéia a fim de fortalecer seu argumento. É provável que a maioria dos apóstolos se encontrassem nos distritos adjacentes durante esse período, portanto a falta de contato de Paulo com as igrejas da Judéia significava falta de contato com os apóstolos que ali serviam. Os Doze não supervisionavam o trabalho na Síria; Barnabé foi enviado para lá (Atos 11:22-26). Durante os anos em que Paulo serviu nessa região, onde ele fora educado, esteve inteiramente independente dos outros apóstolos. Seu outro propósito de mencionar as igrejas da Judéia foi o de sublinhar a grandeza da mudança que sua conversão operou nele. Ele agora anunciava **a fé que outrora procurava destruir**. A mudança significou paz para os crentes da Palestina (Atos 9:31)

Gálatas 2

C. Ausência de Contato Posterior para Inquirir Seu Apostolado ou Acrescentar Algo ao Seu Evangelho. 2:1-10.

1. As diferenças entre sua última visita e a anterior são completamente visíveis. Dessa vez Paulo não foi sozinho mas na companhia de Barnabé, e foi com o propósito deliberado de discutir o Evangelho, mais especificamente a aplicação do Evangelho aos gentios. Não é fácil de encaixar esta visita dentro da estrutura da narrativa de Atos. Aqueles que favorecem identificá-la com a dita visita por ocasião da fome de Atos 11:27-30, apontam para o fato de que Barnabé acompanhou Paulo nessa ocasião. Eles se apegam ao fato de que Paulo viu-se obrigado a mencionar todos os contatos que teve com a igreja de Jerusalém. Mas esta argumentação é deficiente. Os únicos contatos que exigiam participação foram aqueles que poderiam ter resultado em uma comunicação do Evangelho. Uma vez que apenas os anciãos são mencionados relativamente à recepção da oferta pela igreja de Jerusalém, não é provável que Paulo tivesse algum contato com os apóstolos naquela ocasião. Foi um período de perseguição (Atos 12:1-3), e portanto poderiam estar fora de mão para serem consultados.

Se a questão da admissão dos gentios na Igreja foi resolvida na visita por ocasião da fome (o que envolve igualar Atos 11 com Gl. 2), então parece estranho que uma outra conferência fosse necessária para a resolução desse mesmo assunto (Atos 15). Mais ainda, teria sido altamente descortês da parte dos apóstolos insistir em que Paulo se lembrasse dos pobres (Gl. 2:10) quando ele acabara de trazer a oferta da igreja de Antioquia para ajudar os santos na Cidade Santa. Finalmente, identificar Gálatas 2 com Atos 11 é virtualmente impossível por questão cronológica. A visita por ocasião da fome aconteceu mais ou menos quando da morte de Herodes, em 44 A.D. Acrescentando quatorze anos (Gl. 2:1) aos três anos de 1:18 e depois subtraindo o total de dezessete de 44, chega-se ao ano 27 como sendo a data da conversão de Paulo, o que seria cedo demais. Mesmo se os quatorze anos de Gl. 2:1 referem-se à

conversão e não à primeira visita à Jerusalém, a data da conversão ainda seria cedo demais; não deixa nenhum intervalo entre a ressurreição de Cristo e a conversão de Paulo.

A identificação de Gálatas 2 com Atos 15 tem a sua força no fato de que o assunto da discussão é o mesmo em ambos os casos e no fato de que Pedro e Tiago, como também Paulo e Barnabé, foram destacados em ambas as passagens. Com certeza há dificuldade nessa identificação. Atos 15 dá a impressão de uma grande reunião pública, enquanto Gálatas focaliza uma sessão particular. A harmonização se torna possível aceitando-se que a desavença citada em Atos 15:5,6 poderia ter forçado os líderes da igreja a dissolver o concílio temporariamente, passando a uma sessão confidencial tal como a que foi descrita em Gálatas 2. Com base no entendimento alcançado, Pedro e Tiago teriam com toda naturalidade desempenhado um papel de liderança e teriam um desempenho decisivo na fase pública final da conferência registrada em Atos 15:7-21. É possível que a palavra **lhés** (Gl. 2:2) seja uma referência à igreja como um todo contrastando com os apóstolos, com os quais Paulo e Barnabé tiveram uma entrevista particular. Uma outra dificuldade a ser enfrentada é o fato de Paulo não mencionar o assim chamado decreto apostólico em Gl. 2:1-10, quando esse decreto recebeu destaque considerável na narrativa de Lucas (Atos 15:20, 28, 29; 16:4; 21:25). Entretanto, uma vez que Paulo estava preocupado com o Evangelho em toda esta passagem, e uma vez que o decreto não tratava diretamente do Evangelho mas simplesmente regia o relacionamento harmonioso entre judeus e gentios crentes, ele não se sentiu na obrigação de incluir o decreto em sua argumentação.

2. A segunda visita de Paulo a Jerusalém foi ditada por revelação, de acordo com a forte ênfase dada ao fator sobrenatural no capítulo anterior. Esta intimação poderia ter vindo, antes da decisão da igreja de Antioquia de enviar Paulo, ou poderia ter vindo depois, selando a decisão da igreja (Atos 15:2). Ele e Barnabé encontraram-se com **os que pareciam de maior influência**. Literalmente, *aqueles que apareciam*,

um termo bastante curioso para designar os apóstolos. A mesma expressão ocorre duas vezes em Gl. 2:6 e novamente em 2:9, onde foi acrescentada a palavra "colunas". Talvez Paulo sentisse que a igreja estava em perigo de idolatrar aqueles líderes acatando-os demasiadamente. Será que Paulo realmente tinha receio de que tivesse **corrido em vão** (no curso do seu serviço cristão) e que tivesse corrido em vão desde a sua conversão, que pudesse talvez estar errado quanto ao Evangelho e agora precisasse ser corrigido? De modo nenhum. Mas as circunstâncias forçaram-no a submeter sua mensagem à apreciação dos apóstolos, pois só dessa maneira tinha esperanças de fechar a boca dos seus detratores, os judaizantes, e as bocas daqueles que foram levados pela propaganda deles.

3-5. O motivo de Paulo ter levado Tito junto (v. 1) torna-se evidente. Ele seria o caso precedente na questão da recepção dos gentios na Igreja. Se ele fosse **constrangido a circuncidar-se**, o rito não poderia ter sido logicamente afastado dos outros crentes gentios. Se ele saísse da conferência incircunciso, todos os outros gentios que tinham colocado sua confiança em Cristo poderiam desfrutar de sua liberdade sem o temor de um desafio futuro. Parece que Paulo diz que alguma pressão foi exercida para que Tito fosse circuncidado na ocasião (cons. Atos 15:5). É altamente improvável que essa pressão desse dos apóstolos, pois eles se colocaram ao lado de Paulo (Atos 15:19).

Os criminosos eram os **falsos irmãos** que tinham sorrateiramente entrado nas fileiras dos crentes. Tinham o nome de cristãos mas se opunham à concessão da **liberdade** que o evangelho de Paulo proclamava – liberdade da escravidão da Lei, incluindo a liberdade da circuncisão. A resistência de Paulo a esses judaizantes não foi ditada por teimosia nem por senso de superioridade. Ele viu que a questão da circuncisão envolvia **a verdade do evangelho** (Gl. 2:5). Impor a um gentio o sinal da aliança feita com Abraão e seus descendentes seria pôr de lado a simplicidade da fé salvadora, introduzindo a necessidade de

uma obra particular. Se essa obra fosse achada necessária para se tornar membro de igreja, outras obras também teriam sido achadas necessárias.

6-8. Conferenciando com Paulo, os apóstolos não encontraram defeito em seu evangelho. **Nada acrescentaram** àquilo que ele já tinha recebido por revelação do Senhor. Mas eles perceberam que ele recebera **o evangelho da incircuncisão**. Ele era responsável pelos gentios de maneira especial (Rm. 1:5). Por esse motivo o Senhor não lhe permitiu trabalhar em Jerusalém (Atos 22:17-21). Essa chamada especial não excluiu um ministério junto aos judeus quando Paulo pregava nas sinagogas, onde ambos, judeus e gentios (tementes a Deus), se reuniam. Pedro, encarregado de proclamar esse mesmo evangelho da graça, tinha de especializar-se em alcançar a circuncisão, os judeus. Seu nome aramaico, Cefas, foi apropriadamente usado aqui. O sucesso dos dois homens nos seus respectivos setores comprovavam a sua chamada divina.

9,10. O privilégio de Paulo como pregador do Evangelho aos gentios chama-se **graça** (cons. I Co. 15:9, 10; Ef. 3:2). Os líderes de Jerusalém reconheceram esta graça estendendo a mão direita da comunhão a Paulo e Barnabé. Não foi uma mera formalidade, mas um significativo endosso da mensagem da graça livre àqueles dois que a tinham proclamado entre os gentios. Os apóstolos endossaram também a divisão do trabalho, de modo que, enviaram um grupo de evangelistas aos gentios e outro aos judeus. Entretanto, pediram aos missionários enviados ao mundo gentio que não se divorciassem dos crentes judeus - especialmente dos de Jerusalém, que eram notoriamente pobres (Rm. 15:26) - a ponto de se esquecerem de suas necessidades. A prova da boa fé de Paulo em aceitar este pedido foi que ele levantou fundos substanciais entre as igrejas gentias para essa gente (I Co. 16:1-4), os quais ele e outros levaram a Jerusalém por ocasião de sua última visita.

D. Sua Autoridade Independente Vindicada no Encontro com Pedro em Antioquia. 2:11-21.

Esta é a terceira ocasião na qual Paulo entrou em contato com Pedro. A primeira vez ele simplesmente ficou conhecendo Pedro; na outra ele descobriu a unidade e igualdade que havia entre eles; desta vez ele foi levado a discordar dele e a repreendê-lo. Isto confirma o fato de que o propósito de Paulo em toda a epístola aos gálatas foi o de demonstrar seu apostolado independente.

11 ,12. Ele se opôs a Pedro porque a conduta de Pedro dava a falsa impressão de que ele estava renunciando à posição tomada em Jerusalém. A ação do concílio na questão do decreto (Atos 15:28,29) abriu a porta da liberdade de intercâmbio social entre judeus e gentios na igreja de Antioquia, uma liberdade que Pedro aceitou com alegria. Chegou até a comer com os gentios (cons. Atos 10:28; 11:3). Mas a chegada de certos homens enviados por Tiago, o reconhecido líder da igreja de Jerusalém, despertou o temor no coração de Pedro, pois ele se lembrou que a igreja mãe o repreendera por se associar e comer com os gentios na casa de Cornélio (Atos 11:1-18). Impossível saber qual o relacionamento entre esses visitantes e Tiago, e qual precisamente foi a missão deles. Pedro **afastou-se** (dos irmãos gentios) gradualmente, conforme sugere o original, talvez se ausentando em uma refeição do dia, em duas no outro, e finalmente excluindo-se inteiramente.

13. O exemplo de Pedro influenciava os outros. O verbo **dissimularam** (*disfarçavam*), geralmente traduzido para *hipocrisia*, significa uma falta de correspondência entre os atos externos ou o comportamento e o estado do coração. No farisaísmo os atos externos eram bons mas o estado do coração era geralmente corrupto. No caso de Pedro, suas convicções internas eram perfeitas, pois ele endossava a igualdade dos judeus na Igreja, mas a sua conduta não correspondia às suas convicções. Eis aqui uma observação melancólica – **ao ponto de o próprio Barnabé**, como se Paulo esperasse mais dele do que dos outros crentes judeus.

14. A declaração de que Pedro não estava agindo de acordo com a verdade do Evangelho precisa de explicação. Ele era judeu e portanto não era obrigado a viver **como** os **gentios**, como o fazia na companhia deles à mesa. Mas, agora, ao cortar relações depois de ter ido tão longe, logicamente estava competindo os crentes gentios a viverem como judeus, isto é, a adotarem a circuncisão e as leis dietéticas dos judeus para remover todas as barreiras que havia entre eles e homens como Pedro. Mas se os crentes gentios o fizessem, sacrificariam a verdade do Evangelho, que fora confirmada em Jerusalém. A igreja decidira que tal responsabilidade de obediência à lei não se dá imposta aos crentes gentios. Estava em jogo todo o princípio da graça. O resultado lógico da conduta de Pedro era transformar cristãos gentios em judeus ou, pior ainda, forçar a criação de uma igreja gentia ao lado da igreja judia, o que sacrificaria a unidade do corpo de Cristo. Portanto a verdade do Evangelho estava envolvida.

15-18. Paulo fez Pedro compreender que ambos, sendo judeus por nascimento e tendo desfrutado das vantagens especiais do Judaísmo, inclusive a posse da Lei, tiveram todavia de se colocar no lugar da simples confiança em Cristo para salvação, como qualquer um dos pobres gentios. Pedro teve de concordar por causa de seu próprio compromisso com essa posição (Atos 15:11).

O V.T. mesmo testifica que a justificação não vem **por obras da lei** (cons. Sl. 143:2). Ser justificado significa ser declarado e considerado justo diante de Deus, ser vindicado de qualquer acusação de pecado inerente ao fracasso da guarda da santa lei de Deus. A **fé em Jesus Cristo** significa fé em Cristo (gr. genitivo objetivo). Esse rebaixamento do judeu ao nível do gentio parecia envolver Cristo, fazendo dEle **ministro do pecado** pelo fato dEle ter libertado o homem da escravidão da Lei, uma vez que a fé em Cristo para ambos, judeu e gentio, em termos idênticos, é a condição da salvação. Mas Paulo rejeitou a conclusão, pois descansava sobre uma falsa premissa, isto é, a imaginária superioridade do judeu sobre o gentio. Aqui Paulo delicadamente toma o

que se refere a Pedro e o aplica a si mesmo. O verdadeiro transgressor não é Cristo, mas aquele que, tal como Pedro, edifica novamente uma distinção que já foi de fato destruída. Pedro fazia exatamente isso, fugindo à comunhão com os gentios, como se os crentes judeus fossem uma raça superior.

19-21. A Lei prestara um serviço a Paulo, mesmo se não lhe proporcionou a justificação. Pela Lei ele morreu para a própria Lei, pois a Lei criara uma consciência do pecado que o preparara para aceitar Cristo. Ela também levava Cristo à cruz a fim de redimir aqueles que infringiram a Lei. Cristo era o representante de Paulo nessa morte para a Lei. O resultado foi uma vida nova **para Deus**.

Estou crucificado com Cristo. O tempo perfeito enfatiza ambos, o acontecimento passado e seus efeitos contínuos. Essa morte produziu vida, embora não a mesma vida velha na fragilidade do homem natural, mas uma vida totalmente nova; não apenas vida divina impessoalmente garantida, mas antes o próprio Cristo vivo passando a habitar no redimido. Nesse arranjo, entretanto, não há submersão da personalidade humana. A nova vida é vivida sobre o princípio da fé em Cristo (cons. 2:16), em lugar da obediência legal. Esta fé constrói sobre o fato do amor pessoal do Salvador por aqueles em cujo benefício Ele morreu (cons. Ef. 5:2). Não confiar em Cristo desse modo seria *aniquilar* (pôr de lado) a graça de Deus. Se a justificação podia ser obtida pela lei, a morte de Cristo seria inexplicável; teria sido um gesto inútil.

III. O Evangelho de Paulo Explicado. 3:1 – 4:31.

Gálatas 3

A. O Argumento da Experiência (dos Gálatas). 3:1-5.

Aqui o apóstolo declara que a experiência dos seus leitores, começando com a fé em Cristo crucificado e confirmado pelo dom do Espírito Santo, fica inteiramente fora da esfera da Lei. Iriam eles agora

renunciar à perfeição da provisão divina, ele pergunta, pela loucura de seus próprios esforços?

1. Eles deviam estar fascinados, vítimas de alguma feitiçaria (cons. 1:7). À vista de sua dramática pregação do Cristo crucificado quando estivera entre eles (cons. I Co. 1: 23; 2:2), sua mudança de atitude parecia estranha. Teriam eles se esquecido de sua primeira e viva impressão?

2,3. Depois de aceitar a Cristo viera o dom do Espírito (cons. Gl. 4:4-6; Ef. 1:13), de modo nenhum baseado na guarda da lei como um esforço da **carne** (cons. Gl. 5:18, 19).

4. Sofrestes provavelmente não se refere à perseguição ou ao peso da guarda da lei, mas foi usado no bom sentido – *experimentado*. Esta interpretação está favorecida pela subsequente menção do Espírito no versículo seguinte.

5. A obra ativa do Espírito **que opera milagres**, tal como a sua vinda aos corações dos gaitas, não dependia de obras mas da **pregação da fé**, isto é, da aceitação pela fé da mensagem do Evangelho pregada entre eles.

B. O Argumento das Escrituras (o Caso de Abraão). 3:6-9.

A menção da fé convida a uma excursão pelo V.T. para mostrar que Abraão, o reverenciado patriarca, dependia dela no que se referia à justificação. Só aqueles que tinham uma fé igual a essa eram verdadeiramente abençoados por Deus. Observe tratamento idêntico em Rm. 4:9-12.

6,7. Abraão foi justificado pela fé (Gn. 15:6; Rm. 4:3; Tg. 2:23). Os verdadeiros filhos de Abraão não são seus descendentes naturais (Mt. 3:9), mas aqueles que participam de sua **fé**.

8. Isso foi antecipado na própria linguagem da aliança abraâmica, que tinha todos os povos em vista. As palavras em ti engrandecem Abraão como um exemplo de fé.

9. Ele foi crente no sentido de ser cheio de fé. Sua justificação está também à disposição das nações. Esta é a bênção que lhes foi prometida.

C. O Argumento da Lei. 3:10 - 4:11.

1) A Maldição da Lei, da qual Cristo Tinha de Libertar. 3:10-14.

Paulo, tendo resolvido o caso da confiança dos judeus no seu relacionamento físico com Abraão para justificação, prossegue agora examinando o outro refúgio do Judaísmo, a posse da Lei.

10. A fé provoca bênçãos, mas a Lei produz maldição por causa da exigência que faz, de que é preciso *continuar* obedecendo-lhe fielmente (Dt. 27:26).

11,12. À impossibilidade prática de ser justificado pela lei acrescenta-se agora a verdade que Deus usa outro método, afinal de contas – **o justo viverá pela fé**. Julgando do contexto, o uso que o apóstolo faz desta citação (Hc. 2:4), dá a entender que tem a intenção de acentuar a verdade que alguém pode se tornar justo diante de Deus apenas pela fé. Só nessa base pode-se viver verdadeiramente a vida de Deus. Um sentido semelhante é o que se requer em Rm. 1:17. Sob a lei, é preciso *fazer* para poder *viver* (Lv. 18: 5). Sob o Evangelho recebe-se vida de Deus pela fé, e então se começa a fazer a vontade de Deus na energia dessa fé. Pode parecer que o apóstolo exclui todas as bênçãos recebidas por aqueles que viveram sob a Lei no tempo pré-cristão. E o que dizer do salmo primeiro?

13. A Lei é um espelho da vontade de Deus para o povo da Sua aliança e um capataz que provoca a maldição. Mas a esta altura Paulo não está discutindo os aspectos mais gloriosos da Lei, pois ele se limita a considerar a Lei como meio de condenação (cons. II Co. 3:6-9). A maldição da Lei era real. Ela levou Cristo à cruz. A inflexibilidade das exigências da Lei são claramente percebidas no fato de que quando Cristo tomou o lugar do infrator da lei, embora Ele mesmo fosse perfeitamente santo, teve de suportar exatamente a mesma penalidade de

qualquer outro que se colocasse sob a maldição da Lei. A circunstância de que Cristo morreu pendurado no madeiro do Calvário enfatizava o elemento da maldição (Dt. 21:23).

14. O exemplo de Abraão continua a fornecer antecedentes para o pensamento aqui. A morte de Cristo operou trazendo a **bênção de Abraão** (justificação) aos gentios. Deus, tendo libertado seu próprio povo, o povo da aliança (os judeus), da maldição da Lei, estava livre de qualquer impedimento para lidar da mesma maneira, pela graça, com os gentios. A pedra de toque para a aceitação com Deus é, **o Espírito prometido** (cons. 4:6; Atos 1:4,5). O **nós** inclui ambos, judeus e gentios.

2) A Inviolabilidade da Aliança da Promessa e Sua Prioridade Sobre a Lei. 3:15-18.

Uma aliança é algo estabelecido pela sua própria natureza, que não está sujeito à mudança, mesmo quando é um arranjo humano. A promessa não podia ser posta de lado pela Lei, que veio muito depois.

15. Falo como homem. Esta é uma expressão técnica, uma espécie de pedido de desculpas. A imutabilidade dos arranjos divinos estariam além de qualquer debate, mas Paulo acha que é necessário discutir o assunto para tomar inteiramente compreensível aos seus leitores. Mesmo nos arranjos humanos, uma vez confirmados, uma parte do convênio não pode, por si mesmo, deixá-lo de lado como se não mais vigorasse, nem pode lhe acrescentar algo como nos testamentos.

16. Deus fez **promessas** (a mesma promessa foi repetida) a Abraão e ao **seu descendente**. Mas o que está incluído na palavra descendente? Nem todos os descendentes de Abraão estavam incluídos (semente e não sementes), nem todas as linhas de descendência estavam sendo consideradas. Somos ensinados a pensar em semente (posteridade) como um termo coletivo. Ele inclui os patriarcas, pois as promessas foram feitas a eles. Mas também olha para Cristo e o inclui, conforme comprovado em 3:19, onde Ele foi mais uma vez chamado de **descendente** (semente), Aquele que deu fim à dispensação da lei. Este

sentido associado do termo Cristo encontra-se novamente em I Co. 12:12.

17. A promessa feita a Abraão desfrutou de prioridade sobre a transmissão da Lei, uma vez que veio 430 anos antes. Paulo parece incluir a continuação da promessa aos patriarcas que vieram mais tarde, pois o intervalo entre Abraão e a entrega da Lei foi maior do que isso. A coisa essencial, de acordo com a verdade de 3:15, é a consideração de que a Lei não podia deixar de lado o arranjo anterior que Deus fizera e confirmara.

18. Outro aspecto é apresentado. A Lei não condiciona a promessa à mudança de caráter, pois isto violaria a natureza incondicional da promessa. A **herança** (o desfrute das bênçãos da aliança feita com Abraão – que uma justificação como a dele próprio seria estendida finalmente a todas as famílias da terra) nada tem a ver com a lei. As duas coisas, **lei** e **promessa**, são fundamentalmente diferentes. Se a herança fosse condicionada à lei, então a promessa seria nulificada por causa do bem conhecido caráter da lei – que ela é um jugo que ninguém consegue suportar. É fato indiscutível que Deus deu a herança a Abraão pela promessa. Nada pode mudar esta verdade básica.

3) O Propósito da Lei – Temporária em Sua Duração e Negativa em Sua Operação. 3:19-22.

O aparente desprezo do apóstolo pela Lei conduz a uma pergunta necessária.

19. Se a **Lei** não pôs de lado a promessa de Deus e nem mesmo a condiciona, então por que ela foi dada? **Foi adicionada por causa das transgressões**, isto é, dar ao pecado o caráter distinto de transgressão (cons. Rm. 4:15; 5:20). **Até.** A Lei tinha de prosseguir até um certo ponto, cumprindo sua missão de preparar o caminho para o **descendente** – Cristo, que é "o fim da lei para justiça" (Rm. 10:4). A Lei **foi promulgada por meio de anjos, pela mão de um mediador.** Além de ser temporária, até o modo pelo qual foi concedida indica o seu caráter

inferior. Teve uma dupla mediação, através dos **anjos** (Atos 7:53; Hb. 2:2) e através de Moisés, o legislador.

20. A própria idéia da mediação tem dois lados, e isto aconteceu com a doação da Lei. Mas Deus é um, e isto foi enfatizado na aliança feita com Abraão. Deus agiu soberanamente. Ele não precisava que alguém ficasse entre Ele e o patriarca. O ponto que Paulo apresenta é que a mediação é um sinal de inferioridade da Lei. Ela mostra a deliberada remoção de Deus de todo o cenário. A mediação de Cristo na presente dispensação não recebe, portanto, o rótulo de inferior, pois Ele não é uma terceira pessoa entre Deus e os homens. Deus em Cristo reconciliou o mundo.

21,22. A Lei não deve ser considerada como oposta às promessas de Deus, pois ela operou numa esfera diferente. A vida não podia vir através da Lei. Aqueles que desfrutaram de vida espiritual na dispensação da Lei, desfrutaram dela não por causa da Lei, mas por causa da graça de Deus, a qual perdoava os pecados cometidos contra a Lei. Tais passagens do V.T. que prometem vida em relação à guarda dos mandamentos de Deus (por exemplo, Dt. 8:1), são devidamente interpretadas como se referindo à vida num sentido temporal, o desfrutar dos favores e das bênçãos de Deus nesta existência terrena. A **justiça** (uma posição de justiça diante de Deus) não era mais viável nos termos da lei no tempo de Moisés do que no de Paulo. Além disso, a Lei não podia se opor às promessas, uma vez que ela ajuda o cumprimento delas mostrando aos homens a necessidade que têm da graça e mostrando-lhes que devem colocar a sua confiança em Cristo (cons. Gl. 3:19).

4) Filiação não Mediante a Lei mas Mediante a Fé. 3:23 - 4:7.

23. Antes que viesse a fé. A nova dispensação da graça livre deu aos homens a primeira oportunidade, historicamente falando, de colocarem a sua fé em Cristo.

24. A dispensação da lei foi um período de disciplina, a Lei servindo de aio (não mestre; na verdade, apenas um ajudante do mestre,

geralmente um escravo cuja tarefa era a de garantir a chegada da criança à escola com segurança). Cristo é o verdadeiro mestre, que nos toma pela mão e nos mostra o caminho de Deus em termos de graça. "Uma opinião mesquinha sobre a lei leva ao legalismo na religião; uma opinião elevada leva o homem a buscar a graça" (J. Gresham Machen, *The Origin of Paul's Religion*, pág. 179).

25. A função disciplinar da Lei, no sentido histórico, cessou com a vinda de Cristo. Mas a Lei ainda pode operar em um indivíduo para despertar o senso do pecado e da necessidade, preparando assim o coração para Cristo.

26-29. Todos. Tanto os gentios como os judeus são bem recebidos na família de Deus **mediante a fé**. E assim eles alcançam sua posição em **Cristo Jesus. Batizados em Cristo**. O batismo nas águas leva uma pessoa a desfrutar da comunhão da Igreja, mas por trás desse fito jaz um aspecto mais significativo do batismo – ser separado pelo Espírito para viver em união com Cristo e o Seu corpo (cons. I Co. 12:13). **De Cristo vos revestistes**. O Senhor Jesus se torna o segredo e a esfera da nova vida que é participada com outros crentes. **Sois um em Cristo Jesus**. Filiação com Deus envolve fraternidade em Cristo. Surge um novo homem nele (cons. Ef. 2:15). As costumeiras distinções e divisões da vida desaparecem neste relacionamento. Estar em Cristo Jesus, pertencendo-Lhe, faz-nos parte dos **descendentes de Abraão**, uma vez que Cristo é essa descendência, conforme já ficou declarado em Gl. 3:16, 19. Filiação faz do crente também um herdeiro (cons. Rm. 8: 17).

Gálatas 4

4:1-7. A tensão aqui está entre as palavras **escravo** e **filho**.

1. Digo, isto é, explico. O sujeito não mudou. O **herdeiro**, até que atinja a maturidade, é tratado como um **escravo**.

2. Existem aqueles que o dirigem e controlam os **tutores** (guardiões) e os **curadores** (administradores) - até que esteja livre para possuir sua herança no tempo determinado pelo testamento de seu pai.

3. A aplicação começa aqui. Os dias da infância foram o período do controle da Lei, quando **estávamos servilmente sujeitos aos rudimentos do mundo**. Ele aqui não se refere aos elementos físicos, como em II Pe. 3:10,12, nem aos corpos celestes, nem aos espíritos elementares que os antigos consideravam associados a esses corpos (jamais Paulo teria concordado que serviria tais espíritos quando vivera sob a Lei). São os elementos *rudimentares*, porque pertencem à religião legalista do Judaísmo, e não ao Cristianismo, a fé mais adulta e mais espiritual. Esta maneira de encarar o assunto está confirmada pelo uso da palavra **rudimentos** em Gl. 4:9.

4,5. A plenitude do tempo corresponde ao "tempo determinado pelo pai" (4:2). Dá a entender que a obra disciplinar e preparatória da Lei exigia um longo período. **Seu Filho**. A maneira apropriada de trazer muitos filhos à glória. Verdadeira filiação é impossível até que o Filho por excelência apareça. Aqui se sugere a pré-existência. **Nascido de mulher**. Isto não é menção ao nascimento virginal (Mt. 11:11). A argumentação de Paulo exige um destaque à semelhança de Cristo conosco, não à dessemelhança. Através do Seu nascimento Ele penetrou em nossa humanidade.

Nascido sob a lei. Circuncidado, apresentado, criado nos termos exigidos pela Lei, cumprindo toda a justiça. Foi necessário que Ele guardasse a Lei perfeitamente a fim de **resgatar** Seu povo da escravidão e maldição da Lei e para Lhe assegurar **a adoção de filhos**. O privilégio lhes veio como um dom da graça e não como um resultado de um longo período de tutela sob a Lei.

6,7. Esta aceitação foi confirmada pelo testemunho do Espírito, chamado aqui de **Espírito de seu Filho**, uma vez que sua missão é completar e aplicar a obra do Filho. Ele gera no crente a certeza da aceitação divina pelo Seu testemunho no coração. Paulo usa **Aba**, a palavra aramaica para **pai**, seguida pelo equivalente grego (cons. Mt. 14:36; Rm. 8:15, 16). A filiação exclui a servilidade e inclui a posição de

herdeiro. O Espírito Santo é a garantia dessas bênçãos futuras (cons. Ef. 1:13, 14).

5) Um Apelo a que Não Retornem à Escravidão. 4:8-11.

O apóstolo retrocede novamente para mais uma vez falar, de maneira direta, sobre os gálatas e sua situação, no que se refere ao legalismo e à liberdade cristã.

8. Antes da conversão eles serviram a **deuses que por natureza não o são** (sendo ídolos). Tal conduta era compreensível, porque naquele tempo eles não conheciam a Deus.

9,10. Eles O conheciam agora porque Ele os conhecera, conforme comprovado pela primeira oferta da graça que lhes foi oferecida. É incrível que gente com tal história retornasse **outra vez aos rudimentos fracos e pobres** (em contraste com o Evangelho), dando grande importância a dias especiais. Ao que parece os judaizantes colocaram em destaque primeiramente o aspecto mais agradável da obediência à Lei (os gálatas estavam guardando **esses** dias quando Paulo escreveu), por ser menos difícil e menos ofensivo que a circuncisão, a qual os gálatas ainda não tinham aceito inteiramente (cons. 5:2).

11. Paulo temia que se esse apego ao legalismo continuasse e aumentasse, resultaria em que o seu trabalho entre eles fosse em vão.

D. O Argumento da Aceitação pessoal dos Gálatas. 4:12-20.

A atitude dessas pessoas para com Paulo na ocasião em que escreveu, contrastava inteiramente da apreciação original que tiveram para com ele como mensageiro de Deus.

12,13. Paulo roga que abandonem o legalismo e sejam como ele, desfrutando da sua liberdade em Cristo, pois ele se lhes tomara semelhante. Isto é, abandonando suas características de judeu ele se tomou um gentio (cons. 2:15-18). Por mais que sofresse agora, ele se recordava que os gálatas não lhe causaram nenhum dano no começo, quando pela **primeira** vez os visitou, mas ignoraram sua **enfermidade**

física a qual obrigou-o a permanecer entre eles como um homem doente. Ele não se afastou deles até que os familiarizou com as boas novas do Evangelho.

14. Sua doença constituiu uma **tentação** para que o considerassem levemente e o rejeitassem. Mas eles não agiram assim; pelo contrário, receberam-no como se recebe um anjo, ou como se ele fosse o próprio Cristo.

15,16. Vossa exultação. Eles se congratularam em serem assim favorecidos por um emissário do Senhor. Sua gratidão não teve limites; teriam até sacrificado seus **olhos** em favor de Paulo. Isto não prova necessariamente que o apóstolo tivesse uma doença dos olhos (cons. o grego em Atos 23:1). Os olhos foram especialmente mencionados por causa de sua preciosidade. Talvez, Paulo argumenta que, a frieza atual dos gaitas, fosse devido ao fato dele ter falado a **verdade**. Afastados da verdade pelo erro judaizante, eles se voltaram contra Paulo como também contra a sua mensagem.

17,18. Em contraste ao hábito de Paulo falar a verdade, os adeptos do erro tinham recorrido à lisonja e à bajulação para ganhar os gaitas. Para que não pensassem que o apóstolo escrevia devido ao rancor e interesse próprio, ele tornou bem claro que não se sentia adverso ao fato de outro homem servi-los em seu lugar, uma vez que o ministro fosse do tipo adequado – adepto da causa da verdade. Como eram diferentes aos judaizantes, que excluía todos aqueles que ministravam a Palavra, tentando afastar seus protegidos da presença do apóstolo e outros arautos da graça!

19,20. A dor e a preocupação de Paulo eram como os de uma mãe em trabalho de parto. Mas o que ele agonizantemente buscava não era o novo nascimento dos seus amigos (já eram seus **filhos** no Senhor), mas a plena formação da nova vida neles (Ef. 4:13; cons. Fp. 3:10). Outra visita, ele sentia, seria altamente desejável. Resolveria mais que a pena. Poderia lhes falar mansamente, como uma mãe fala a um filho que errou,

mas que continua amado, e assim **falar-vos em outro tom de voz**, que agora necessariamente parecia áspera.

E. A Argumento da Aliança da Promessa. 4:21-31.

Tendo chamado seus leitores de **filhos**, o apóstolo continua contando-lhes uma história, com uma aplicação moral, na esperança de que percebam a sua loucura.

21-23. Parecia que desejavam se colocar sob a lei. Pois ia lhes falar da lei (a narrativa do Gênesis era parte da Lei no sentido mais amplo, a qual incluía todo o Pentateuco). Um dos filhos de Abraão **nasceu segundo a carne** – na ordem natural das coisas, possivelmente sugerindo o expediente humano que tentou ajudar o plano anunciado por Deus. Foi Ismael, nascido de Hagar. O outro, Isaque, o filho de Sara, foi dado **mediante a promessa** de Deus.

24,25. Estas coisas são alegóricas. Isto é, são passíveis de expressarem algo mais que a simples narrativa histórica. Paulo continua expondo os aspectos que se enquadram na situação dos gálatas. **Estas** (as duas mulheres) correspondem **às duas alianças**: Agar, aquela que foi dada no **monte Sinai**, o código mosaico. Como ela abandonou o lugar da bênção em Canaã e foi para essa região descampada (Gn. 21:21), assim também os gálatas afastaram-se da graça de Cristo. Triste é dizer, que outros além dos gálatas foram afetados. A Jerusalém daquele tempo estava em **escravidão com seus filhos** – não a igreja em Jerusalém, mas o Judaísmo centralizado nessa cidade.

26,27. Mas há uma *outra* Jerusalém, a de cima, que é a **mãe** de *todos* os filhos da graça. Esta não é uma referência à futura Nova Jerusalém do Apocalipse, mas a uma realidade espiritual atual, o lar dos crentes. Este lar corresponde aos "lugares celestiais" de Ef. 1:3 e à "cidade do Deus vivo" de Hb. 12:22. A esta altura Paulo cita Isaías, prevendo a glória e o triunfo para Israel com base na obra expiatória do Servo Sofredor, depois da esterilidade dos dias do cerco e cativo (Is. 54:1). Essa mudança da sorte foi colocada em uma linguagem que reflete

a história de Sara, a qual, embora estéril no começo e aparentemente abandonada a favor de outra, recebeu o que era dela, no tempo determinado por Deus, com uma descendência maior do que a de Agar. A igreja estava desfrutando de um rápido desenvolvimento nos dias apostólicos, enquanto o Judaísmo estava em grande parte estático e até mesmo estava perdendo terreno por causa do testemunho dos crentes judeus da sua fé em Cristo.

28-31. Os santos do Novo Testamento eram **filhos da promessa**, como Isaque o foi. Tal como Isaque esteve sujeito à perseguição de Ismael (cons. Gn. 21: 9), eles também estiveram sujeitos à perseguição dos legalistas. A pressão feita para que Tito fosse circuncidado foi um exemplo (Gl. 2:3). Mas a provação não durou, pois Deus ordenou a expulsão da **escrava e a seu filho** (Gn. 21:10). Os judaizantes não tinham a autoridade nem a bênção de Deus. Seu trabalho resultaria em nada.

IV. O Evangelho de Paulo Praticado. 5:1 – 6:15.

Gálatas 5

A. O Evangelho Praticado em Liberdade. 5:1-12.

A recusa de se submeter à circuncisão foi o primeiro sinal do gozo desta liberdade.

1. Para a liberdade foi que Cristo nos libertou é a declaração do fato pelo apóstolo, acompanhado do apelo a que permaneçam nessa liberdade e que não se envolvam novamente com a escravidão. Sob um certo aspecto é mais fácil viver como escravo do que fazer uso adequado da liberdade (por exemplo, Israel no deserto desejando retornar ao Egito).

2-4. É preciso escolher, diz Paulo, entre Cristo e a circuncisão. Ele não diz isso dos judeus (cons. Atos 21:21), mas dos gentios, que não têm antecedentes relacionados com a circuncisão. O caso destes o rito só poderia significar uma tentativa deliberada de alcançar um mérito pela adoção de uma posição legalista, buscando a justificação pelas obras. No

começo, a circuncisão não tinha tal implicação, pois com Abraão foi um sinal e selo da justificação que ele já tinha obtido pela fé (Rm. 4:11). Mas no decorrer do tempo, ela se transformou em um símbolo de mérito. Sendo assim, Cristo não poderia beneficiar-se do recipiente da circuncisão, que na verdade se colocou sob a obrigação de guardar toda a lei, tendo em vista a justificação como resultado. Aceitar a circuncisão significava abandonar o terreno da graça em Cristo (**da graça decaístes**) em favor da autojustificação que é inferior e impossível. O verdadeiro crente permanece na graça (Rm. 5:2).

5. Enquanto o legalista se atola na insegurança – pois ele não sabe quando fez o suficiente para satisfazer o padrão da justiça divina – aqueles que estão justificados pela fé, que têm o **Espírito** como penhor de sua aceitação para com Deus, esperam confiantemente pela fé a consumação (**a esperança da justiça**) na glória (cons. Rm. 8:10, 11).

6. Tendo demonstrado o longo alcance da fé na esperança, o apóstolo indica seu alcance no **amor**. Em Cristo ninguém tem vantagem por possuir a circuncisão; nem falta alguma coisa a quem não a tem. Cl que conta é o amor, que resume em si tudo o que a Lei exige (Rm. 13:9, 10). Justificar a fé não exclui esta consideração importante sobre o amor. Pelo contrário, a fé, operando através do amor, é apenas o meio viável pelo qual as exigências da Lei podem ser cumpridas.

7-10. O progresso espiritual dos gálatas fora impedido. Alguém perturbara esses convertidos afastando-os da **verdade**. Em outro lugar (1:7; 5:12) fala-se de um grupo de agitadores legalistas; aqui, entretanto, fala-se de um indivíduo, presumivelmente o líder. Esta propaganda não emanara dAquele que os chamara e lhes dera o impulso para a corrida (cons. 1:6). Os leitores tinham sido enganados dando ouvidos a uma falsa doutrina. E que nenhum deles alegasse que Paulo estava exagerando, que estava fazendo muito alarde com os problemas na Galácia. Um provérbio serviria para enfatizar a loucura deles. **Um pouco de fermento leveda toda a massa**. Talvez os que realmente se converteram ao legalismo fossem poucos até o presente momento. Não

obstante, os crentes deviam estar em guarda para que o erro não se espalhasse. Se fosse honestamente enfrentado, poderia ser impedido. Paulo tinha confiança em uma resolução feliz da dificuldade, não com base nos seus convertidos ou em seu próprio ministério, mas **no Senhor**. Não obstante, uma reviravolta favorável nos acontecimentos não aliviaria a responsabilidade daquele que estava desviando o rebanho. **Sofrerá a condenação.**

11,12. "Alguns poderão argumentar," diz Paulo, "que eu sou inconsistente em falar contra a circuncisão". Era sabido, por exemplo, que ele circuncidara Timóteo (Atos 16:3). Mas esse foi um caso especial, pois o jovem era meio judeu, a quem o pai, um grego, não circuncidara. Se Timóteo andasse com Paulo por aí nessas condições, teria despertado uma oposição desnecessária entre os judeus. Nenhum princípio fora violado nessa circuncisão particular. A prova de que Paulo não pregava a circuncisão estava no fato de que continuava **perseguido** (pelos judeus). Se ele circuncidasse os gentios, esses mesmos judeus olhariam para ele de maneira mais amigável. Mas se ele pregasse a circuncisão, **o escândalo da cruz** estaria **desfeito** até onde o seu ministério estava envolvido. A graça envolve a incapacidade do homem de participar na sua própria salvação. Esta verdade se opõe ao orgulho humano. Paulo não se escandaliza com a cruz mas com aqueles que **vos incitam à rebeldia** (E.R.A.) – **que vos andam inquietando** (E.R.C.). Sua indignação levou-o a fazer uma forte declaração: **Eu quereria que fossem cortados** (E.R.C.), ou melhor, que **se mutilassem**. Como um homem emasculado perde o poder de propagação, assim esses agitadores seriam reduzidos à impotência de propagar sua falsa doutrina. Esse é o fervente desejo ao qual o apóstolo Paulo dá vazão aqui.

B. O Evangelho Praticado em Amor. 5:13-15.

13. Enquanto a liberdade é inerente à vocação cristã para a salvação, ela não deve ser convertida em licenciosidade. Isto é o que acontece quando a liberdade é considerada como uma oportunidade para

a **carne** satisfazer seus apetites. A única contra-medida eficiente é servir os outros **pelo amor**. O pensamento pode ser parafraseado assim: Vocês professam ser muito zelosos pela Lei, a qual eu lhes declarei ser escravidão. Mas, se vocês realmente estão procurando a escravidão, eis aqui um tipo que é inofensiva, até mesmo beneficente. Eu a recomendo a vocês. Sejam escravos uns dos outros na demonstração do amor (cons. Rm. 13:8).

14. Esta é a exigência do V.T. (Lv. 19:18), e no N.T. não tem nada mais elevado.

15. Havia necessidade terrível de que o amor fosse exercitado nas igrejas gálatas, pois Paulo dá a entender que havia ali lutas e amarguras entre eles. O forte antagonismo estava provavelmente entre aqueles que tinham sucumbido à propaganda dos legalistas e daqueles que não tinham. A simpatia de Paulo estava com este último grupo, mas ele reconhecia que sem amor eles não podiam vencer aqueles que se lhes opunham. Discussão sem amor resulta em conflito contínuo.

C. O Evangelho Praticado em Espírito. 5:16-26.

Embora não conste, a liberdade (5:1, 13) não ficou esquecida aqui. "O amor é o guarda da liberdade cristã. O Espírito Santo é o seu guia" (G. G. Findlay, *The Epistle to the Galatians in The Expositor's Bible*, pág. 347). Esta seção, com seu contraste entre a carne e o Espírito, foi um tanto antecipada pela declaração de 3:3. A vida no Espírito está sendo agora apresentada como o antídoto para as inclinações da carne, o princípio do pecado que persiste nos santos. Portanto, há uma guerra necessária e legítima, em contraste com aquilo que foi insinuado em 5:15.

16,17. Andar no (melhor, *pelo*) **Espírito**. Só desse modo os crentes podem levantar-se acima das limitações da carne: evitar a realização dos desejos dela. A promessa é enfática – **e jamais satisfazeis. Carne e Espírito** são opostos, travando contínuo combate. Se o cristão está andando no poder de um deles, não pode estar no controle do outro. A

declaração, **são opostos entre si**, é um tanto parentética, e a conclusão do versículo depende diretamente da segunda das duas declarações precedentes do versículo. Por trás da resistência do Espírito à carne está o propósito de que os crentes devem ser guardados de praticarem as coisas que eles (de outro modo) fariam.

18. Na realização da vitória sobre a carne, é preciso que a pessoa se coloque sob a liderança do Espírito. A Lei leva a homem a Cristo (3:24). Então o Espírito assume o controle e dirige o filho de Deus para a plenitude da vida em nosso Senhor. Esta plenitude será resultado inevitável, se o Espírito não for limitado pelo pecado no crente (Ef. 4:30). Em lugar de dizer, em concordância com o primeiro pronunciamento desta seção, que ser dirigido pelo Espírito significa ser libertado da carne, o apóstolo tira uma conclusão inesperada. Ser dirigido pelo Espírito demonstra liberdade da lei. Apego à lei significa multiplicação de transgressões (cons. Gl. 3:19) em lugar de redução. Evidentemente existe um laço íntimo entre a lei e a carne (cons. Rm. 8:3).

19-21. As obras da carne podem ser esperadas proliferando livremente na atmosfera do legalismo. Um raio de ironia se percebe aqui ao fazer referência às obras – "Atendem para as realizações da carne!"

Em primeiro lugar vêm os pecados sensuais. **Prostituição** é um termo geral para imoralidade sexual. **Impureza** inclui toda sorte de corrupção sexual. **Lascívia** indica audácia descarada nesse tipo de vida.

Depois vêm os pecados religiosos. **Idolatria** é a devoção aos ídolos. A palavra grega que foi traduzida para **feitçarias** encaixa-se no termo "farmácia" e significa basicamente a administração de drogas e poções mágicas, mas passou a representar todo o tipo de prática de feitçaria (cons. Ap. 9:21; 18:23).

Um terceiro grupo abrange os pecados de temperamento. Esses passam por toda a escala desde **inimizades**, que é algo latente, passando pelas **porfias**, que é algo operante (indicando neste caso disputas devidas ao egoísmo), pelas dissensões (antes, divisões) e **facções**, ou exhibições

de espíritos partidários (**invejas** podem se relacionar às anteriores pois ajudam a criar divisões, como também podem ser associadas com o próximo item), até chegar aos **homicídios** (E.R.C.), o clímax dos antagonismos impropriamente acalentados.

Na quarta categoria podemos colocar as **bebedices** e **glutonarias**. A lista poderia ser ampliada – e **coisas semelhantes**. Aqueles que praticam tais coisas **não herdarão o reino de Deus** (cons. I Co. 6:9, 10). Um crente pode cair em semelhantes práticas do mal se andar de acordo com a carne. Por isso é que se faz a inclusão desta lista na sua presente posição dentro desta carta, onde a vida do cristão está sendo revista.

22,23. Tudo aqui está em contraste com o precedente: fruto em lugar de obras; **o Espírito** em lugar de carne; e uma lista de virtudes grandemente atraentes e desejáveis em lugar das coisas feias que acabaram de ser citadas. A palavra **fruto**, estando no singular, como se apresenta nas cartas de Paulo, tende a enfatizar a unidade e coerência da vida no Espírito oposta à desorganização e instabilidade da vida sob os ditames da carne. É possível, também, que o singular tenha a intenção de apontar para a pessoa de Cristo, no qual todas essas coisas são vistas em sua perfeição. O Espírito procura produzi-las reproduzindo Cristo no crente (cons. 4:19). Passagens tais como Rm. 13:14 sugerem que os problemas morais dos homens redimidos podem ser resolvidos pela suficiência de Cristo quando apropriada pela fé.

À luz da preferência de Paulo pela forma singular de fruto, não se toma necessário recorrer ao expediente de colocar um travessão depois da palavra **amor** para indicar que todos os outros itens dependem deste. O amor é decisivo (I Jo. 4:8; I Co. 13:13; Gl. 5:6). **Gozo** é o que Cristo concede aos seus seguidores (Jo. 15:11) e é pelo Espírito (I Ts. 1:6; Rm. 14:17). **Paz** é o dom de Cristo (Jo. 14:27) e inclui uma reação interior (Fp. 4:6) e relacionamento harmonioso com os outros (contraste com Gl. 5:15,20). **Longanimidade** relaciona-se com a atitude da pessoa para com os outros e envolve uma recusa em revidar ou se vingar do mal recebido. Literalmente é *paciência*. **Benignidade** seda melhor traduzida para

amabilidade. É a benevolência nas atitudes, uma virtude visivelmente social. **Bondade** é uma probidade da alma que aborrece o mal, uma honestidade definida de motivações e conduta. **Fidelidade** (se fosse *fé*, estaria no começo da lista). Um caso paralelo é Tito 2:10, "lealdade". **Mansidão** baseia-se na humildade e indica uma atitude para com os outros, mantendo a devida negação do ego. **Domínio próprio** (lit., *reprimir com mão firme*), ou controle da vida do ego por meio do Espírito.

Contra estas coisas não há lei. "A Lei existe com o propósito de refrear, mas nas obras do Espírito não existe restrição" (J.B. Lightfoot, *Galatians*, pág. 213). A mesma verdade foi declarada em outra passagem, Rm. 8:4.

24-26. Aqueles que são verdadeiramente de Cristo devem ser como Ele na participação da cruz. Eles **crucificaram a carne**. Idealmente, isto aponta para a sua identificação com Cristo na Sua morte (2:20). Praticamente, enfatiza a necessidade de carregarmos o princípio da cruz na vida redimida, uma vez que a carne, **com as suas paixões** e desejos continua sendo uma realidade sempre presente (cons. 5:16, 17). A mesma tensão entre a provisão divina e a apropriação humana se encontra em relação ao Espírito.

Vivemos **no Espírito** segundo a disposição divina, por meio do dom do Espírito na conversão. Mas andamos em Espírito por uma questão de vontade pessoal, dando cada passo na dependência dEle. Se alguém andar assim, não desejará **vanglória** – cobiça do ego, frustrado quando não tem sucesso. "A vanglória desafia a competição, à qual os de natureza mais forte reagem na mesma moeda, enquanto que os mais fracos são levados à inveja" (Hogg e Vine, *Galatians*, pág. 305).

Gálatas 6

D. O Evangelho Praticado no Serviço. 6:1-10.

Os cristãos têm ainda uma lei a cumprir, a lei de Cristo. Só podem cumpri-la no poder do Espírito, quando se servem mutuamente na comunhão da Igreja.

1-5. Alguém. Algum homem com paixões como as de vocês e portanto sujeito à queda. **For surpreendido**, apanhado em flagrante. **Falta** deveria ser uma palavra mais forte (cons. Rm. 5:15). Um santo que cometeu pecado necessita de restauração como também de perdão divino. Aquele que está qualificado a ajudá-lo é o **espiritual**, isto é, que possui em um notável grau o fruto do Espírito, especialmente o amor (5:22) pelo irmão em dificuldade e também **mansidão** (5:23), uma vez que ele também pode um dia cair no mesmo pecado e necessitar da mesma disposição amorosa. Um verdadeiro espírito de ajuda também deveria ser predominante em outros assuntos – **levai as cargas uns dos outros** (contraste com Lc. 11:46). A lei de Moisés foi descrita como sendo uma carga (Atos 15:10), mas **a lei de Cristo** não é assim (I Co. 5:3). Seu fardo é leve (Mt. 11:30). Isso deixa livre o discípulo para ministrar ao seu próximo (Mc. 10:43-45). A advertência no final de Gl. 6:1 vai até 6:3. A superavaliação do ego leva ao logro. Que um homem examine suas próprias obras. Se encontrar nelas alguma satisfação, **então terá motivo de gloriar-se unicamente em si**. Seus sentimentos serão de gratificação e satisfação e não de orgulho e superioridade sobre seus irmãos. Melhor que cada um se avalie imediatamente, preparando-se para o julgamento que o Senhor fará naquele dia quando **cada um levará o seu próprio fardo**. Ele será tido responsável pela sua própria vida e obra (Rm. 14:12).

6-10. Aqui o pensamento retorta ao levar das cargas uns dos outros, mas no setor específico da contribuição para o sustento da obra cristã (cons. II Co. 11:9; II Ts. 3:8).

6. Faça participante, isto é, divida com outrem. Aquele que é **instruído na palavra** reparte os seus bens materiais com aquele que o ensina. Desse modo ele participa da obra do Senhor. Esse é o plano divino. Que se tenha o cuidado de não deixá-lo de lado.

7. De Deus não se zomba. A palavra que foi traduzida para **zomba** é *levantar o nariz, assumir ares importantes*. Nenhum homem pode com sucesso fazer pouco caso de Deus ou fugir dos seus decretos, pois "tudo o que o homem semear, isso também ceifará" – é a imutável lei da vida (cons. II Co. 9:6 numa associação semelhante).

8. Um cristão egoísta **semeia para a sua própria carne**, gastando seus recursos para gratificação de seus próprios desejos pessoais. Ele só pode esperar ceifar a **corrupção**. Aquilo que poderia ter produzido recompensa pelo investimento no trabalho do Senhor não resultará em nada más que uma massa deteriorada, uma perda completa em termos de eternidade. Por outro lado, correspondendo ao Espírito em amor e bondade, e participando alegremente na expansão do Evangelho com o sustento de obreiros cristãos, os crentes estarão aumentando os lucros ao capital da vida eterna. Esta passagem dá margem a uma aplicação mais ampla, de acordo com o caráter proverbial da declaração do versículo 7. Mas **carne** e **Espírito** são era primeiro lugar aplicados ao crente (cons. 5:17, 24, 25), de acordo com o contexto imediato.

9. O assunto específico da contribuição leva naturalmente ao exame do tema mais generalizado da prática do bem, o que por implicação é uma sementeira. A pessoa pode esmorecer se espera ver a colheita imediatamente.

10. Duas esferas da beneficência cristã foram sugeridas – **a todos e aos da família da fé**. O último grupo é obrigação especial (**principalmente**) dos filhos de Deus. Se alguém negligenciar o cuidado dos seus (e os crentes são a família de Deus), ele é pior do que um incrédulo (I Tm. 5:8).

E. O Evangelho Praticado em Separação do Mundo. 6:11-15.

Paulo usa esta seção final para sublinhar alguns dos destaques dados nesta epístola como um todo, acentuando a centralidade e eficiência da cruz, e a divisão que cria entre os crentes e os homens do mundo.

11. Com que letras grandes. O apóstolo está se referindo ao tamanho de sua letra quando tomou a pena da mão do escriba e escreveu ele mesmo as palavras finais, por amor de uma eficácia maior. Ele retoma ao assunto da circuncisão e expõe os motivos daqueles que estavam perturbando seus leitores.

12. Todos os que querem ostentar-se na carne, o único reino da vida que eles conheciam, uma vez que não andavam no Espírito. **Esses vos constroem,** neste caso, é "procuram forçar" (cons. 2:3). Pressão estava sendo exercida. Destacando a circuncisão, e impondo-a aos gentios, os judaizantes esperavam escapar à ira dos judeus incrédulos contra eles por terem esposado a causa de Cristo. Tinham medo de **serem perseguidos por causa da cruz de Cristo** (cons. 5:11). Homens desse tipo são chamados de "a circuncisão" (*partido da circuncisão*) em Fp. 3:2.

13. Tendo examinado o verdadeiro motivo dos judaizantes, Paulo revela agora seu motivo professo, que era o zelo pela Lei. Tomavam um único item, e uma questão externa por sinal, e o faziam representar a observância da Lei como um todo. Esperavam ganhar crédito trazendo os gentios e colocando-os sob a Lei como um sistema, forçando-os a aceitarem a circuncisão. Eles se gloriavam neste sinal da carne de seus convertidos.

14. Paulo se negou a gloriar-se na circuncisão ou em qualquer outra coisa que não fosse **na cruz** pela qual o mundo e todas as suas motivações covardes foram banidas, crucificadas com ele, inteiramente separadas do seu modo de pensar e modo de vida. Paulo não dava importância ao conforto e à reputação, como os judaizantes (cons. 1:10).

15. Por que o apóstolo aqui despreza a circuncisão? Porque foi transformada em uma simples cerimônia do mundo quando vista à luz da crucificação. O que malmente importa, ele declara, é a nova vida que vem através de estarmos **em Cristo Jesus**. (E.R.C.). Isso resulta em uma nova criatura. A palavra **nova** indica o que é superior ao velho.

V. Conclusão. 6:16-18.**A. Oração Final. 6:16.**

Para aqueles que andam de acordo com **esta regra** ou cânon que ele acabou de expor, isto é, a cruz de Cristo e a mensagem da graça que Ai se centraliza, Paulo pede paz e a misericordiosa e amorosa benevolência que produz a continuidade da graça já recebida no Evangelho. Ele deseja a mesma bênção para **o Israel de Deus**. Uma vez que é impossível que isto se refira ao todo da igreja, à vista do **e**, o mais provável é que a referência feita seja aos judeus cristãos como o próprio Paulo. Esses são o verdadeiro Israel, opondo-se àqueles que simplesmente levam esse nome (cons. Rm. 2:29).

B. Testemunho Final. 6:17.

Se os gálatas tiveram problemas, também Paulo. Mas se alguém quisesse discutir a sua devoção a Cristo, devia tomar conhecimento das **marcas** da perseguição que havia em seu corpo, cicatrizes sofridas por amor ao Senhor Jesus, que falavam mais eloqüentemente do que as marcas corporais (a circuncisão) que os judaizantes amavam impor sobre os outros como prova do seu zelo.

C. A Bênção. 6:18.

Esta palavra final, com a ênfase sobre a **graça**, resume a mensagem da epístola como um todo. Nada poderia ser mais apropriado.